



Eu sou um anjo: Roberto Piva

Maíra Fernandes de Melo¹

PUC-Rio

mairafernandesdemelo@gmail.com

Resumen: Este artículo se propone a reflexionar sobre la obra poética de Roberto Piva (1937-2010), a partir del cruce del discurso del poeta "maldito" brasileño, su biografía, su obra y la crítica literaria sobre la misma. En este sentido, presentaremos una lectura de algunos de sus poemas, colocando en juego el aparato biográfico disponible, su trayectoria y su lugar de habla. De este modo, observaremos cómo la contradicción es una de las grandes potencias de la escritura de Roberto Piva, esbozando aproximaciones entre su poesía-hecha-autobiografía y un corpus político-cultural que puede revelar que las cuestiones existenciales en su poética superan al individuo.

Palabras clave: Roberto Piva – autobiografía – potencia poética – poesía marginal

Abstract: This paper promotes a reflection over the poetic work of the Brazilian "outsider" poet Roberto Piva (1937-2010). From the poet's speech through his biography, his work and the literary criticism on it, we present a reading of some of his poems, investigating his biographical apparatus, his path and his place of speech. Thus, we look at how the contradiction is one of the greatest potentials of Roberto Piva's writing. Then we draw similarities between his poetry-made- autobiography and a political-cultural corpus which may reveal that the existential questions in his poetry go way beyond the individual.

Keywords: Roberto Piva – autobiography – poetical potential – "marginal poetry"

¹ **Maíra Fernandes de Melo** realiza, mediante una beca de CNPq, el doctorado en el Programa de Posgrado en Literatura, Cultura y Contemporaneidad de la Pontificia Universidad Católica de Rio de Janeiro (PUC- Rio). Es máster por el mismo programa. Su investigación acerca del cuerpo y el arte contemporáneo fue contemplada con una beca "Nota 10" de FAPERJ y por el Programa de Cooperación Internacional Brasil-Argentina (CAPG/CAPES), con misión de estudios en la Universidad Nacional de Rosario (2013).



A obra poética de Roberto Piva (1937-2010) costuma ser associada por seus críticos e leitores ao surrealismo, ao movimento *beat* americano e ao paganismo xamânico-dionisíaco. Ler seus poemas sob a luz dessas três vertentes, que por sua vez estabelecem relações entre si, tem sido feito, se não pela crítica jornalística, ou por aquela inserida nas trocas mercadológicas do sistema literário, certamente já há alguns anos pela crítica literária acadêmica mais recente.

Seus poemas aludem à metrópole sem natureza, e à superioridade desta sobre aquela, à opressão racional cerceando a liberdade dos instintos, ao êxtase sexual e lisérgico criando imagens poéticas que beiram o absurdo, conjugando em uma mesma “cena” realidade cotidiana das ruas e figuras mitológicas. Os anos 60 e 70 demoraram a reconhecer, “oficialmente”, a qualidade de Piva como escritor. A tradição concreta ainda fazia eco, ao menos em São Paulo, cidade onde Piva viveu por toda a vida, e seus versos-jorro poético pareciam, à primeira vista, pouco trabalhados ou automáticos. Uma leitura mais atenta, ou mais desprovida de visões prévias sobre os textos, certamente irá encontrar o labor por algumas vezes inclusive primoroso nas seleções das palavras e na construção rítmica de seus poemas. A leitura de Piva, até pouco tempo referendada apenas por seus pares (Antonio Risério e Claudio Willer, dentre outros), começa a ser tema de teses e dissertações.²

A maior parte desses estudos, no entanto, não se abstém de certa espécie de louvação idólatra ao poeta. Piva citava, aludia ou nomeava muitas de suas inspirações em seus poemas, assumindo, poderíamos dizer, a antropofagia como método. O caráter maldito da poética piviana, que não

² Este artigo se refere principalmente à de Kátia Batista, *Roberto Piva: poesia viva na metrópole e a contracultura no Brasil (1960 – 1970)*, do departamento de História Social da Universidade Estadual de Londrina (2012). A própria autora, no entanto, apresenta algumas outras dissertações e teses, defendidas a partir de 2009 em departamentos de literatura por universidades de todo o país.



se concebia separadamente da prática de vida maldita, o insere na “tradição marginal”, que traça uma linhagem teleológica moderna, de Lautréamont e Rimbaud a Ginsberg e Chacal. Como sabemos, a contradição reside justamente em uma vida-poesia que se quer marginal por filiação, e não por contágio.³

Nesse sentido, a contradição aparece como uma das maiores potências da escrita de Roberto Piva, permitindo novas leituras do poeta, que o retirem do arriscado lugar de herói marginal que hoje – ainda – ocupa, dado o caráter hagiográfico de suas críticas mais conhecidas (e da mitificação que o próprio poeta acabava criando em torno de si mesmo, conscientemente ou não).

Apontamentos I

Em entrevista concedida à rádio Jovem Pan, em 1981, no dia do lançamento do livro “20 Poemas com brócoli”,⁴ Piva profere frases bombásticas como “não acredito em geração”, “os caras da década de 60 são muito medíocres”, “os bons [nos quais se insere] não estão vivendo de literatura no Brasil”, “os poetas têm que ser entendidos por poucas pessoas” e outros petardos que, para usar um termo de hoje, parecem ser proferidos apenas para “causar”. Quando o entrevistador lhe pergunta se ele crê que vai haver lugar para a poesia no Brasil, Piva vaticina “tomara que não tenha”. A postura iconoclasta não é, no entanto, coerente com a queixa que faz, um pouco antes, deixando escapar certo ressentimento em relação à crítica e à imprensa especializada, ao reclamar que demorou 20 anos para sair na primeira página da Folha Ilustrada (suplemento cultural do jornal Folha de

³ Sobre contágio, ver Deleuze e Guattari, Mil platôs, Capitalismo e esquizofrenia, Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

⁴ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=4HOD3dNCK4>



São Paulo), enquanto via muitos outros escritores “mediócras” estampando os jornais.

Esta contradição – e muitas outras – retiram o poeta de seu pedestal neorromântico, para usar um termo de Mário Camara, e o inscreve como uma personalidade contracultural demasiado humana. Como assinala Batista, a vivência contracultural, especialmente em relação ao uso de drogas e afirmação individualista, não destituiu a maior parte dos artistas de seus egos, e um discurso que blasfema contra as instituições oficiais não deveria (ao menos se buscássemos um comportamento coerente) vir acompanhado de um desejo de ilustrar a primeira página de um jornal mais-do-que oficial. A crítica de Piva a São Paulo questionava justamente essas instâncias:

“Na comemoração de seu quarto centenário, os paulistanos orgulhavam-se de seu Parque Industrial, de seu progresso, de seu futuro. É nesse contexto que Piva constrói uma originalidade poética com grande toque de sarcasmo. Desfile de escárnios provocadores e chistosos. Todo o mundo oficial é francamente satirizado” (Mattos 5).

Ressaltar essas falhas, essas fissuras que comprometem o “corpo-hegemônico” das leituras de Piva, não enfraquece a potência do poeta, já tão “subestimado” dentro da historiografia literária recente, mas justamente concorre para que ele sobreviva às leituras mitificatórias que não sustentam uma duração maior justamente porque o apontariam como um modelo de vida e de escrita rebelde, afirmando seu valor absoluto, ora apenas em seu caráter beligerante contra instâncias opressoras do sistema capitalista/cultural, ora em uma inovação poética “iluminada” que, como vimos, encontra eco nas leituras e estudos que o próprio Piva assumidamente estava realizando na época. A especificidade do poeta – e sua qualidade – não está em considerá-lo o “Ginsberg brasileiro” ou qualquer outro epíteto aparentemente positivo que ele tenha recebido ao



longo dos anos. A obra – e a vida – de Piva merecem uma atenção mais cuidadosa.

Apontamentos II

Yi Chih lê oralidade no poema A Piedade. Mas talvez seja apenas a necessidade de compor a personagem “santificada” de Piva. Se escutamos o próprio poeta lendo A Piedade, não ouvimos fala cotidiana “espontânea” e sim um extremo rebuscamento das palavras. Não podemos confundir a aliteração, recurso sonoro de versos como “se eu fosse piedoso / meu sexo seria dócil e só se ergueria / aos sábados à noite” com oralidade, a fim apenas de classificá-lo como baluarte de um automatismo que oporia fala à escrita, associando corpo à primeira e mente à segunda. Se podemos concordar que há em Piva uma “poética da irresponsabilidade” (Mattos 01), essa estaria mais próxima ao seu discurso sobre sua poesia e sua vida do que de sua escrita poética propriamente dita. Se Piva louva a irresponsabilidade como semântica, definitivamente não o faz no urdir sintático⁵ de seus versos.

No documentário “Assombração urbana”, da produtora SP Filmes de São Paulo,⁶ aspectos da personalidade de Piva podem ser melhor observados, agora já à distância do calor dos acontecimentos da chamada contracultura brasileira. Logo no início, Piva, em uma brincadeira, questiona se vai ganhar dinheiro com o filme, pois precisa sair “dessa cidade”.

Como aponta Batista,

“Apesar da tormenta da metrópole, o poeta parece ter escolhido permanecer em São Paulo. Tal fato deve ter se dado principalmente pela profissão que escolheu, sendo que pela vida toda ficou conhecido por muitos na cidade por ser um grande agitador cultural.

⁵ Assumindo aqui essa diferenciação apenas em caráter operacional para a análise dos poemas.

⁶ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=oVMzzYIOaNg>



Além de poeta, o autor proferia palestras, atuou como professor de história por aproximadamente doze anos e organizador de grandes shows de rock por alguns anos na década de 1970, trazendo para a cena bandas que estavam começando, como a *Made in Brazil*” (Batista 46).

Willer, em depoimento ao documentário, reafirma a aproximação do grupo da chamada *Geração de 60* ao surrealismo:

“amor, poesia e liberdade - como o lema do Breton. E a experiência nova, coisas do campo do sujeito, né? E sem nenhuma pretensão em projetar isso sobre como é que ia ser a sociedade, como queriam as esquerdas, com base em alguma lei histórica, ou como ia ser a linguagem, como queriam os formalistas, ou o que fosse”.⁷

Porém, como vimos, se o desejo investe a produção social, não podemos considerar as questões existenciais da poética de Piva apenas como questões do indivíduo⁸. Ainda assim, essa diferenciação, na época, fazia-se necessária, posto que o social era - ou tinha se tornado - ou o “bom-mocismo” do progresso capitalista ou - especialmente no Brasil e em outros países da América Latina, sob o regime ditatorial - a luta armada pela liberdade e/ou pela instauração de um regime comunista. Nesse sentido, a “adesão” ao surrealismo era inevitável.

“Pareceria até uma redundância um movimento artístico prestar-se a esta tarefa quando a criação relaciona-se exatamente com estes mecanismos inconscientes, mas a distância que o homem moderno tomou de sua imaginação e de seus sonhos afetou também os artistas, que muitas vezes trataram de repetir lugares comuns ao discurso oficial (não imaginativo) e à rotina maçante em sua arte, usando a consciência como criadora, como Nietzsche analisou acerca de Sócrates” (Batista 31).

⁷ Os trechos aqui citados foram transcritos do filme.

⁸ Sobre as máquinas-desejantes e o inconsciente como fábrica, ver Deleuze e Guattari, *O anti-édipo, Capitalismo e esquizofrenia 1*, São Paulo: Editora 34, 2010.



O posicionamento anarquista de Piva (anarco-monarquista, como seu “ídolo” Breton) era incompatível com a filosofia marxista da luta de classes, que previa um futuro apaziguado sob a égide da igualdade homogeneizante das subjetivações. A contradição (uma das) no discurso do poeta estaria justamente em que, de modo geral, a anarquia vive do respeito à sobrevivência do coletivo sobre o indivíduo (e experiências pontuais em comunidades anônimas e alternativas, seja na cidade ou no campo, como as ecovilas, por exemplo, mostram que se é direito do indivíduo fazer o que bem entender, é dever de cada um respeitar o direito do outro – para assegurar a continuidade da própria sociedade em que o direito individual anarquista é assegurado). O modo de vida que exalta os direitos do indivíduo sobre a coletividade é, ao contrário, justamente o modo de vida burguês – que, como já se sabe, foi o inventor desta noção.

Apontamentos III

“Quem não está do lado do bom selvagem está do lado do gerente da fábrica”, diz Piva em filme de Tadeu Jungle, *Heróis da decadência*, de 1987⁹. No artigo “Roberto Piva, índios e a poética da transgressão”, Claudio Willer comenta o poema de Piva em homenagem ao índio que estuprou uma estudante, assistido por sua mulher, no calor dos acontecimentos da Eco 92. O poema, intitulado *Paulinho Paiakan*, produz algumas imagens que parecem (e Willer também o confirma, ainda que não se arrisque no obviamente absurdo posicionamento de mitificação do crime em questão) enaltecer a figura de Paulinho (“Laroiê Exu criador de todas / as coisas selvagens & livres / Fogo sagrado de Exu queima / a paisagem humanista”). Se selvagem e livre são qualidades prezadas pelos membros da contracultura, e se o humanismo aqui apresentado poderia ser o do

⁹ O filme é utilizado como arquivo para o documentário *Assombração urbana*.



opressor, no sentido de “filosofia de heterossexual europeu que ignora qualquer outra coisa que não o ser humano – heterossexual europeu”, é no entanto mais do que fora de questão a impertinência desse tipo de homenagem.¹⁰

Willer louva o poema pelo “ataque ao politicamente correto”. Em sua visão, homenagear o índio estuprador seria defender o índio “em sua integridade, tal como são. Não como projeção de uma ideologia e escala de valores nossos. Uma tribo não é uma comunidade eclesial de base. Índios tampouco são a realização de um ideal iluminista” (Willer 2). Não fica muito claro se Willer está defendendo o estupro, o estuprador, o estupro-apenas-quando-cometido-por-índios ou o poeta. De qualquer forma, se a violência apresenta matizes de beleza à ave de rapina, certamente não cabe imaginar que Paiakan “preservava” (aspas reforçadas) algum passado cultural glorioso em sua “pureza selvagem”, sem ter consciência dos danos do sexo não consentido. Willer, se não “ficou para a história” por sua escrita poética, possui excelente inserção acadêmica e literária (é pós-doutor em literatura e tradutor de poesia reconhecido), e poderia ter mais cuidado ao romantizar toda e qualquer ação que venha de Piva.

Apontamentos IV

A frase “Quem se torna adulto é porque acumulou merda”, proferida por Piva no filme de Jungle, pode dar pistas para uma outra leitura de Piva, essa que prezaria suas contradições.¹¹ A figura do anjo é frequente em seus poemas e merece análise mais atenciosa por parte da crítica. Parece-nos que os anjos de Piva são mais que apenas um dos elementos de delírio

¹⁰ “Quem não está do lado do bom selvagem está do lado do gerente da fábrica” é uma das falas de Piva no filme de Tadeu Jungle.

¹¹ Em Assombração urbana, Piva também professa: “o dia em que eu vencer alguma coisa, eu vou falar ‘aonde que eu errei’” – e o ressentimento por demorar a ser “reconhecido” pela Folha de São Paulo.

místico das imagens poéticas que cria, mas fornecem justamente a diretriz para compreender sua inocência, ingenuidade quase infantil.

Anjos querubins, crianças inocentes, jovens e lindos garotos, anjos poderosos e assustadores, anjos mensageiros, anjos-arautos-do-apocalipse.

“Em um dos pequenos poemas sem título (ao estilo haikai) do livro *Ciclones* (1997) o poeta dá-nos indício de onde surgem seus “anjos”: “anjos/ definidos pela miragem/ meu trono/ de rei vagabundo/ no Boeing do meu coração” (Batista 65).

Caberia ainda apontar que demônios (também presentes na poética piviana) são, mitologicamente, anjos caídos e muitos deles, inclusive, acabam fazendo o “caminho de volta”. Talvez nos anjos esteja a chave que mistura o sagrado e o profano em Piva, em um misticismo excêntrico, em uma virulência desgarrada.

“A alternativa, porém, não reside na reivindicação do irracionalismo, mas na construção de um arco hermenêutico incompleto, isto é, um meio não-diferencial, onde se reinscrevem as diferenças enfrentadas para analisar as relações recíprocas entre dor e prazer, anestesia e sensibilidade” (Antelo 173).

Poemas

PAULINHO PAIAKAN¹²

A hora do lobo está próxima
garotos entregam-se ao Pesadelo
Reis elementais do Sul dançam na névoa
Laroiê Exu criador de todas
as coisas selvagens & livres
Fogo sagrado de Exu queima
a paisagem humanista
A grande roda solar girou novamente
Com você, Paiakan, o índio deixou de
ser platônico

¹² Este é o único dos poemas aqui inseridos que não foi incluído no Obras reunidas. Cláudio Willer, posteriormente, o publicou em seu blog, no qual ele foi acessado.

Nesta época de ovelhas
A ave de rapina aguarda no deserto
Os belos matizes da Violência

Monte Alegre do Sul, 1992

Paranoia em Astrakan

Eu vi uma linda cidade cujo nome esqueci
onde anjos surdos percorrem as madrugadas tingindo seus olhos com
lágrimas invulneráveis
onde crianças católicas oferecem limões para pequenos paquidermes
que saem escondidos das tocas
onde adolescentes maravilhosos fecham seus cérebros para os telhados
estéreis e incendeiam internatos
onde manifestos niilistas distribuindo pensamentos furiosos puxam
a descarga sobre o mundo
onde um anjo de fogo ilumina os cemitérios em festa e a noite caminha
no seu hálito
onde o sono de verão me tomou por louco e decapitei o Outono de sua
última janela
onde o nosso desprezo fez nascer uma lua inesperada no horizonte
branco
onde um espaço de mãos vermelhas ilumina aquela fotografia de peixe
escurecendo a página
onde borboletas de zinco devoram as góticas hemorróidas das
beatas
onde os mortos se fixam na noite e uivam por um punhado de fracas
penas
onde a cabeça é uma bola digerindo os aquários desordenados da
imaginação

A piedade

Eu urrava nos poliedros da Justiça meu momento
abatido na extrema paliçada
os professores falavam da vontade de dominar e da
luta pela vida
as senhoras católicas são piedosas
os comunistas são piedosos
os comerciantes são piedosos
só eu não sou piedoso
se eu fosse piedoso meu sexo seria dócil e só se ergueria

aos sábados à noite
eu seria um bom filho meus colegas me chamariam
cu-de-ferro e me fariam perguntas: por que navio
bóia? por que prego afunda?
eu deixaria proliferar uma úlcera e admiraria as
estátuas de fortes dentaduras
iria a bailes onde eu não poderia levar meus amigos
pederastas ou barbudos
eu me universalizaria no senso comum e eles diriam
que tenho todas as virtudes
eu não sou piedoso
eu nunca poderei ser piedoso
meus olhos retinem e tingem-se de verde
Os arranha-céus de carniça se decompõem nos
pavimentos
os adolescentes nas escolas bufam como cadelas
asfixiadas
arcanjos de enxofre bombardeiam o horizonte através
dos meus sonhos

Ganimedes 76

Teu sorriso
olhinhos como margaridas negras
meu amor navegando na tarde
batidas de pêsego refletindo em seus olhinhos de
fuligem
cabelos ouriçados como um pequeno deus de salão
rococó
força de um corpo frágil como âncoras
gostei de você
eu também
amanhã então às 7
amanhã às 7
tudo começa agora num ritual lento & cercados de
gardênias de pano
Teu olhar maluco atravessa os relógios as fontes a tarde
de São Paulo como um desejo espetacular tão
dopado de coragem
marfim de teu sorriso nascosto fra orizzonti perduti
assim te quero: anjo ardente no abraço da Paisagem



Bibliografía

Antelo, Raul. *Transgressões Da Modernidade*. Florianópolis: Ufscar, 2001.

Batista, Kátia. Roberto Piva: Poesia Viva Na Metrópole E A Contracultura No Brasil (1960 – 1970). Dissertação (Mestrado Em História Social) - Universidade Estadual De Londrina, Paraná, 2012.

Camara, Mário. "Modernidades: Autoritarismo E Contracultura". *Corpos Pagãos – Usos E Figurações Na Cultura Brasileira (1960-1980)*. Minas Gerais: Ufmg, 2013.

Mattos, Ricardo Mendes. *50 Anos De Rebelião Poética Em Roberto Piva Ou Poética Anárquica, Dionisiaca, Blasfematória E Criminosa*. Zunái - Revista De Poesia & Debates. Web. Acessado Em 2015.

Piva, Roberto. *Paranóia*. 2ª Edição. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2000.

Piva, Roberto. *Obras Reunidas, 3 Volumes (Um Estrangeiro Na Legião, Mala Na Mão & Asas Pretas, Estranhos Sinais De Saturno)*. São Paulo: Globo, 2008.

Santiago, Silviano. "Os Abutres". *Uma Literatura Nos Trópicos – Ensaios Sobre Dependência Cultural*. Rio De Janeiro: Rocco, 2000.

Willer, Claudio. "Roberto Piva, Índios E A Poética Da Transgressão". *Claudio Willer Wordpress*. Web. Acessado Em 2015.

Yi Chih, Chiu. *Filosofia E Poesia Em Roberto Piva*. Zunái - Revista De Poesia & Debates. Web. Acessado Em 2015.